

A REPRESENTAÇÃO DA METRÓPOLE NA OBRA O RETORNO, DE DULCE MARIA CARDOSO

THE REPRESENTATION OF THE METROPOLIS IN THE WORK THE RETURN, BY DULCE MARIA CARDOSO

Altair Sofientini Ciecowski¹ - UNEMAT

RESUMO

Pretende-se com este artigo investigar, no âmbito da obra *O retorno* (2013), de Dulce Maria Cardoso, registros representativos de Portugal, a metrópole da época colonial. Para esse efeito, detivemo-nos nas figurações da memória de Rui, personagem narrador do romance supracitado, e sua família. A obra de nosso *corpus* pertence à “literatura de retornados” e traz à luz, amiúde, o êxodo de um grupo familiar que regressou à metrópole por ocasião da independência de Angola. Considerando o enquadramento histórico que envolve essa literatura, propomo-nos ainda a refletir sobre a presença portuguesa no país africano. Percebemos neste trabalho o quanto a representação do país europeu, com suas implicações e desdobramentos, fez-se presente no romance, assumindo várias acepções, consoante a perspectiva das personagens. A pesquisa de abordagem qualitativa e revisão bibliográfica ancorou-se nos estudos de Peralta (2019), Macêdo (2020), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Descolonização. Angola. Portugal. Retornados.

ABSTRACT

The aim of this article is to investigate, within the scope of Dulce Maria Cardoso's work *The Return* (2013), representative records of Portugal, the metropolis of the colonial era. For this purpose, we will focus on the figurations of Rui's memory, the narrator character of the aforementioned novel, and his family. The work of our corpus belongs to the “literature of returnees” and often brings to light the exodus of a family group that returned to the metropolis on the occasion of Angola's independence. Considering the historical framework that surrounds this literature, we also propose to reflect on the portuguese presence in the African country. It was noticed in this work how much the representation of the european country, with its implications and developments, was present in the novel, taking on various meanings, depending on the perspective of the characters. The research with a qualitative approach and bibliographic review was based on studies by Peralta (2019), Macêdo (2020), among others.

KEYWORDS: Decolonization. Angola. Portugal. Returnees.

DOI: 10.21920/recei72022828985997
<http://dx.doi.org/10.21920/recei72022828985997>

¹Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - PPGEL. Mestre em Letras pelo Programa PPGLetras pela UNEMAT- Sinop). Graduado em Letras e especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade Paranaense de Umuarama. E-mail: altairsofientini237@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1688-6259>

INTRODUÇÃO

“Acho que nos bastava a ideia de que o futuro seria melhor. Antes de os tiros terem começado o futuro seria melhor”.

(*O Retorno* - Dulce Maria Cardoso).

Sabemos que falar e propor hoje uma pesquisa no âmbito da literatura que remeta ao período colonial pode-se constituir como algo espinhoso, mas que acaba configurando-se como um exercício necessário e inadiável (NOA, 2015, p. 15), sobretudo quando os estudos envolvem o império português e as relações de dominação colonialista estabelecidas no continente africano, oportunidade em que as discussões e reflexões avolumam-se e, não obstante, possibilitam a compreensão de alguns fenômenos que ali ocorreram.

Embora sabedor das complexas implicações teóricas e epistemológicas advindas dessas reflexões, nossa motivação assenta-se, principalmente, na percepção de que o interesse pela história da África é despertado e acentua-se também com o advento de pesquisas nessa área (FIOROTI, 2012). Ademais, discutir o passado não é só para saber o que aconteceu nem simplesmente para saber como ele impacta o presente, mas, sobretudo, o que ele é, na verdade, se está concluído ou se continua sob diferentes formas (NOA, 2015, p. 16). Abdala Junior, por sua vez (2007, p. 18), afirma que “reconstruir o passado implica em vê-lo como práxis de afirmação da potencialidade subjetiva [...]”.

É com esse pensamento que ora apresentamos nossa pesquisa que tem como *corpus* o romance *O retorno* (2013), de Dulce Maria Cardoso e enquadra-se na chamada “literatura de retornados” (SHEILA KHAN, 2010, p. 9), ou como nomeado por Gould (2007, p. 65), “literatura de revisitação africana”. Embora sabemos que, como bem alude Perrone-Moises (2016, p. 9), “a literatura nunca pode ser definida com a precisão de um conceito, sendo mais uma noção consensual”, essa nova nomenclatura tem-se apresentado como uma tendência do novo romance português, propondo-se a examinar a identidade de um Portugal colonial e pós-imperial (GOULD, 2007, p. 65).

Em nossa análise bibliográfica, consideramos as postulações que se apresentam no âmbito da teia ficcional acerca dos registros de representação de Portugal, a metrópole do período colonial. Por intermédio das figurações e relatos, analisamos a imagem que o país assume, em suas mais diferentes acepções, consoante as perspectivas das personagens.

Importante registrar que a expressão “retornados” aqui empregada remete aos cidadãos que, após a descolonização portuguesa de África, e, nesse recorte que fizemos, em particular, de Angola, tiveram que voltar a Portugal. A expressão foi cunhada no Conselho de Ministros do país europeu e previsto na Resolução 105/76, de 5 de maio de 1976 e designava os portugueses que eram advindos das ex-colônias depois de 01 de setembro de 1974, desde que ali tivessem residido. De acordo com Elsa Peralta:

Esta é, com efeito, uma população heterogênea. De diferentes classes, fenótipos, géneros e idades, com ligações mais fortes ou mais ténues à realidade portuguesa e com diferentes graus de participação no sistema colonial. Alguns pertenciam a uma vaga de colonização antiga, chegados a África no quadro dos projetos de colonização oficial de Angola de finais do século XIX. Outros formavam um continente populacional muito mais numerosos envolvido nas migrações do pós guerra. Mas oficialmente, bem como coloquialmente, todos

foram nomeados nessa categoria única e abrangente de ‘retornado’[...]” (PERALTA, 2017, p. 35).

Ainda acerca dessa expressão, é importante que se diga que uma parte considerável daqueles que regressavam nunca haviam estado em Portugal. Havia nascido em Angola e portanto, chamá-los de “Retornados” não fazia muito sentido. As pesquisadoras Maria Paula Meneses e Catarina Gomes lembram-nos de que,

De acordo com dados disponibilizados pelo INE², dos 505.078 retornados que tinham vivido nas colônias africanas antes de 1975, 298.968 eram originários de Portugal, ou seja, cerca de 60%. Os restantes (206.110) eram portugueses já nascidos nas então províncias ultramarinas. Para estes, a descolonização terá implicado mais uma ‘partida’ do que um ‘retorno’ (MENESES; GOMES, 2013, p. 97).

Sob essa égide, a nomenclatura empregada inicialmente pelo IARN³ e depois usada amplamente pelo senso comum, é considerada controversa e, ainda, suscita calorosos debates.⁴

Na obra de Dulce Maria Cardoso deparamo-nos com o narrador personagem Rui. Por intermédio desse adolescente de nove anos, conhecemos toda a sua família de “retornados”, como a irmã, Maria de Lurdes, uma moça ainda jovem e com comportamentos bem peculiares à sua idade. Mário é o pai de Rui, alguém que “só estudou até à segunda classe, mas não há nada que não saiba sobre o livro da vida” (CARDOSO, 2013, p. 11). Mário apresenta, inicialmente, uma percepção muito idealizada sobre a terra africana como o local onde a família prosperaria e que seria a promotora de uma suposta fraternidade, mesmo sendo uma terra com uma grande diversidade etnolinguística:

vamos construir uma nação. Pretos, mulatos, brancos, todos juntos vamos construir a nação mais rica do mundo, melhor até do que a América, isto é uma terra abençoada onde tudo o que semeia nasce, não há no mundo outra terra assim, O pai não conhece nada do mundo e não pode saber se há ou não outra terra como esta, como também não podia saber o que se iria passar (CARDOSO, 2013, p. 33/34).

Esse olhar de Mário sobre Angola continua muito forte, inclusive após os primeiros sinais das revoltas independentistas: “o futuro era aqui [Luanda], o pai estava certo apesar dos chaimites nas ruas e dos tiros que tinham começado” (CARDOSO, 2013, p. 30). Quando muitos já se preparavam para deixar o país africano por conta do conflito que chegava, como o vizinho Sr. Manuel, o relutante Mário ainda tenta argumentar que aquela era apenas uma crise e que passaria: “Isto vai ficar melhor, vamos deixar de ser portugueses de segunda” (Ibidem, p. 29), o Sr. Manuel, por sua vez, vaticina o que seria uma profecia de como ficaria Angola em breve: “lembre-se do que hoje vos digo, vai haver um mar de sangue, 61 não foi nada comparado com o que aqui se vai ver[...]” (CARDOSO, p. 29).⁵

²INE - Instituto Nacional de Estatística de Portugal.

³Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais, criado em 1975, para dar uma resposta à necessidade de acolher aos que regressavam das ex-colônias.

⁴Em Rui, personagem narrador do romance analisado, já temos um exemplo do quanto a nomenclatura “retornados” é contraditória. Se considerarmos a expressão em si, não poderíamos aplicar à personagem, afinal, ele e sua irmã nasceram em Angola, indo morar em Portugal com sua mãe após o processo de independência, portanto, não estaria “retornando” à metrópole.

⁵1961 foi o ano do início dos conflitos pela independência de Angola.

Quando, porém, a situação agrava-se, o menino Rui já não consegue ver no pai a mesma convicção acerca da terra que escolheram para viver: “o pai calou-se sobre o futuro e podia-se ver na cara dele a vergonha que sentia por se ter enganado tanto e a preocupação por ser tarde demais para remediar o mal” (CARDOSO, 2013, p. 33). De acordo com Macêdo (2020):

Nesse momento, vários colonos decidem partir. Alguns deles, por temerem por suas vidas, no quadro da guerra acesa entre os movimentos de libertação; muitos, porém, por recearem o fim dos privilégios e a perda de bens e propriedades, pois a conjuntura apontava para uma proposta socialista nos rumos do país. O êxodo, que já começara timidamente após o 25 de abril, torna-se enorme e há a necessidade de instaurar uma ponte aérea entre Luanda e Lisboa, assim como entre Maputo e a capital europeia, a fim de embarcar os retornados³ à ex-metrópole. Os colonos procuram levar o máximo que podem para seu novo destino. O símbolo desse movimento são os caixotes de madeira compensada que levam seus pertences (MACÊDO, 2020, p. 117).

A mãe de Rui (D. Glória) é a personagem sobre quem, acreditamos, podemos com mais fôlego, traçar um caminho que nos ajudará a pensar a metrópole com uma imagem idealizada. O narrador vai-nos conduzir nesse caminho e, com efeito, de acordo com o relato “Sempre houve duas terras para a mãe, esta que a adoeceu e a metrópole, onde tudo é diferente e onde a mãe também é diferente” (CARDOSO, 2013, p. 11).

Não obstante, ao buscar compreender a representação literária proposta, e considerando que abordamos aqui aspectos que remetem para a descolonização de Angola em 1975 e o posterior regresso dos ex-colonos à antiga metrópole, faremos, a seu tempo, um enquadramento histórico desse período para melhor compreensão acerca da presença portuguesa no país africano.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

Há muito que nos detemos nas pesquisas que envolvem as literaturas africanas de língua portuguesa e, envolvidos nesse trabalho, sempre nos deparamos com o contexto histórico da independência de Angola, por exemplo, e a questão dos “retornados”, vimos surgir, assim, o desejo de pesquisar um pouco mais acerca dos colonos portugueses que viviam no país africano e como se deu o regresso à metrópole da época, Portugal. De igual maneira, as informações sobre a existência de uma ponte aérea⁶ em que embarcavam esses portugueses em seu regresso, motivaram ainda mais nossa convicção sobre a necessidade de escrever sobre o tema. Conforme o pesquisador Christoph Kalter,

as reportagens noticiosas com imagens em plano picado das crianças e adultos que acampavam nas instalações do aeroporto, dormindo em bancos ou mesmo no chão, à espera das bagagens ou de transporte para casa de familiares ou para um alojamento a expensas do estado, fundiam-se com a imagética, na altura já bem conhecida, de crise humanitária e do estatuto de vítima. A impressão que

⁶ Operação de larga escala com centenas de voos que retiraram os portugueses que residiam nas ex-colônias portuguesas. A ponte aérea envolveu o exército e a aviação civil portuguesa, com o apoio da aviação de diversos outros países. Durante o pico da ponte aérea, uma média de 7000 pessoas chegava todos os dias ao aeroporto de Lisboa.

essas imagens criam é de emergência, de caos imprevisível e repentino, bem como de gente vulnerável e dócil a necessitar de assistência (KALTER, 2017, p. 105).

Sob essa ótica, e contemplando a literatura como campo fértil para nossos estudos, deparamo-nos com a obra da escritora portuguesa Dulce Maria Cardoso, que também era uma “retornada”. A escritora que nasceu em Trás-os-Montes, interior norte de Portugal, foi ainda menina para Luanda, de onde regressou na ponte aérea de 1975 por ocasião da descolonização e do início da guerra civil em Angola.

O escopo de nosso trabalho é investigar como as personagens do romance supracitado, de forma especial, o personagem protagonista Rui, bem como toda a sua família, vê a metrópole do período colonial. O olhar idealista que tinham de Portugal quando ainda viviam em Angola permaneceu após o regresso? Com essa e com outras questões deparamo-nos nos interstícios de nossa investigação. Para além disso, ao pesquisar acerca desse regresso, decidimos dedicar uma parte de nosso trabalho ao enquadramento histórico desse momento vivido, bem como sobre a presença portuguesa em Angola.

Creemos que, dentro da análise que propomos, torna-se fundamental ao leitor conhecer um pouco mais do contexto de entrada e saída dos colonos de Portugal e as questões históricas que envolvem o retorno ao país europeu. Para esse efeito, a primeira parte de nosso trabalho denomina-se A presença portuguesa em Angola e os ‘retornados’, aqui analisamos, ainda que de forma sintética, as demandas históricas que envolvem Angola e que estão associadas ao regresso dos colonos. Partimos, inicialmente, do período colonial, adentrando no processo de independência e, finalmente, promovendo um diálogo acerca do que foi o regresso dos colonos a Portugal.

Num segundo momento, dedicamo-nos a analisar os relatos significativos das últimas horas passadas em Angola pela família de Rui. Partindo inicialmente de um sentimento de descrédito diante de tudo o que estava acontecendo, até o enfrentamento da dura realidade de terem de entrar naquele avião que fazia parte da “ponte aérea” e regressar a Portugal na condição de “retornados”.

Finalmente, na última seção, analisamos a representação da metrópole pelas personagens do romance. Seção esta que demos o título de “diálogos sobre as imagens da Metrópole”. Nela, acedemos à ideia de o quanto as personagens tinham uma visão idealizada de Portugal e o quanto disso se perdeu ao retornarem ao país europeu.

Em nossa análise, seguimos de perto pesquisadores como Elsa Peralta (2017; 2019) que conta com inúmeros trabalhos publicados acerca da temática dos “retornados” e Tania Macêdo (2020), incansável pesquisadora das literaturas africanas de língua portuguesa.

A presença portuguesa em Angola e os “retornados”

“O pai não pode ficar a queimar tudo, é muito perigoso, os bens dos colonos que partem pertencem automaticamente à futura nação angolana, nenhum colono pode destruir os bens que a sua ganância amealhou”.

(O Retorno - Dulce Maria Cardoso).

Os portugueses chegaram à atual região de Angola em 1482, iniciando o que seria uma ‘longa presença’ no litoral de África. A presença europeia na região estabeleceu-se através de relações truculentas, conforme nos assegura Cabaço (2009, p. 29), “recorreram ao uso da força, normalmente em aliança com outros chefes locais”.

Analogamente, o preconceito e a discriminação eram uma constante. As pessoas eram divididas entre três ‘categorias’: os portugueses, os indígenas e os assimilados. Os portugueses eram os europeus provenientes de Portugal e seus descendentes; os indígenas, (a maioria do povo angolano), eram a camada mais explorada, viviam sem direitos e excluídos; os assimilados eram os angolanos selecionados pelos colonizadores que por terem algum domínio do idioma português e aceitando renunciar à cultura de seu povo e a adotar costumes europeus, ganhavam alguns privilégios e empregos na colônia (CIECOSKI, 2020, p. 45).

Foi, deveras, um período extremamente nefasto para os povos colonizados. Não raro, as relações que se estabeleceram entre os portugueses e os africanos eram binárias, em que os portugueses reconheciam-se como “detentores” do conhecimento enquanto os africanos eram vistos como selvagens. Fundamentando-se numa crença de superioridade racial, os portugueses buscavam justificar o jugo que impunham aos países africanos, referindo-se constantemente aos ‘benefícios’ que estes poderiam ter com a administração e exploração da colônia, alegando que seria algo positivo.

Com efeito, Said (2020, p. 9-10) menciona que a ideia desses projetos imperialistas era “levar a civilização a povos bárbaros ou primitivos”. Essa forma de pensar dos portugueses, mais tarde, acabou-se convertendo em política de governo e era preciso, por sua vez, fomentar a ida de portugueses a Angola e às demais colônias para reforçar a política de colonização. Assim, propôs-se a

criação de estímulos capazes de motivarem a emigração de gente qualificada, de camponeses com experiência, artesãos, operários, que dessem conteúdo à ocupação efectiva das colônias. Só com a consolidada presença de colonos se poderia criar uma base econômica que respondesse às necessidades da burguesia da metrópole (CABAÇO, 2009, p. 59).

Nesse horizonte, Castelo (2017, p. 65), alude ao fato de que muitos que se dirigiam às colônias, orientavam-se à chegada “sobretudo para atividades comerciais”.

Após a Conferência de Berlim, os portugueses lançaram mão de várias estratégias para ocupar definitivamente Angola e submeter aquele povo à completa dominação. As populações impunham resistência, não permitiam a penetração dos comerciantes portugueses e não respeitavam sua autoridade.

O governo empreende então uma campanha de ocupação com um colonialismo que se assentava sobre uma ‘nobre missão evangelizadora e civilizadora’. O que se verificou, no entanto, foi um sistema opressor em que o racismo era fortemente vigente nas relações que se estabeleciam entre colonizados e colonizadores.

Logo após a Segunda Guerra Mundial, os nacionalismos africanos passam a consolidar-se. As independências iam-se configurando, uma boa parte entre os anos de 1950 e 1960. Como o processo de descolonização de Angola foi tardio, fortes movimentos nacionalistas avolumaram-se. O processo de independência anunciava-se. De acordo com Tania Macêdo,

a independência das ex-colônias portuguesas constituiu um processo sangrento, na medida em que houve um longo período de lutas que se iniciou em 1961 e se estendeu aos anos 1970, quando foram oficialmente declaradas as

independências dos países africanos de língua portuguesa: Guiné-Bissau a 10 de setembro de 1974, Moçambique a 25 de junho de 1975 e no mesmo ano Cabo Verde a 05 de julho, São Tomé e Príncipe a 12 de julho e finalmente Angola a 11 de novembro (MACÊDO, 2020, p. 117).

Com a derrubada do Estado Novo em Portugal, datado de 25 de abril de 1974, vislumbra-se o fim das guerras coloniais que o regime ditatorial travava contra os movimentos independentistas nos países africanos. Portugal estava enfraquecido e os movimentos libertários cresciam com amplo apoio popular. Nesse horizonte, em Angola, as negociações aconteceram em janeiro de 1975 pelos principais movimentos de libertação: Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA); Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA).

A independência dá-se em 11 de novembro de 1975. As negociações que se acreditava que aconteceriam de forma tranquila, tomaram rumos inesperados e, de acordo com Peralta (2019, p. 315), a realidade “revelou-se menos pacífica e as muitas tensões que se calavam no plano da negociação política acabaram por rebentar em conflitos concretos nas ruas e entre diferentes grupos políticos e populações”. É nesse contexto que temos a saída de milhares de portugueses que residiam nos países africanos.

Resultante do processo de descolonização, calcula-se que entre 500 e 800 mil colonos portugueses tenham deixado a África entre 1974 e 1979. Peralta (2018, p. 317) lembra-nos que pelo Censo de 1981 “Portugal recebeu 471.427 imigrantes das ex-colônias, dos quais 290.504 de Angola (61,6%) [...]”. Lembra-nos ainda, a autora, mencionando a pesquisa do sociólogo Rui Pena Pires, que “não existe coincidência absoluta entre a população assim recenseada e o número real de repatriados” (PERALTA, 2019, p. 317), até porque não estão incluídos, por exemplo, os que retornaram à ex-metrópole só anos mais tarde.

De acordo com Baganha e Góis (1998, apud MENESES; MARTINS, 2013, p. 96): “a este número, deve-se acrescentar ainda cerca de 100. 500 militares que regressaram, em cerca de um ano, a Portugal, um país que contava então com dez milhões de habitantes e que era conhecido por ser um país de emigração”.

Acreditamos que esse breve enquadramento histórico possibilitou entender como se deu o processo de ida e de “volta para casa” dos “retornados”. Contemplaremos em nossa análise, na sequência, no âmbito da teia ficcional de *O retorno*, primeiramente como foram as últimas horas da família em Angola e, em seguida, os aspectos que envolvem as referências à metrópole, o novo espaço da família de Rui, personagem narrador do romance.

Entendemos que na obra, teremos importantes elementos para uma articulação crítica de amplo fôlego na compreensão de como essa literatura procura representar os “retornados” no âmbito da narrativa ficcional.

As últimas horas passadas em Angola

“Acho que nos bastava a ideia de que o futuro seria melhor. Antes de os tiros terem começado o futuro seria melhor”.
(O retorno – Dulce Maria Cardoso)

A família de Rui prepara-se para deixar o país africano e, na evanescência desse tempo, um misto de saudade já começa a avizinhar-se. O silêncio que fazem durante o dia parece

denunciar as angústias que se seguirão em breve. “Apesar de ser o último dia que passamos aqui, nada parece assim tão diferente[...] a única diferença é que estamos mais calados” (CARDOSO, 2013, p. 9).

Um sentimento de descrença no que está por acontecer parece tomar conta do narrador Rui que prefere sonhar e, nos sonhos, acredita que tudo continuará como antes.

Ainda esta manhã, na minha cabeça, este dia deixou de ser este dia. A mãe estava a fazer o arroz-doce e, por instantes, este dia transformou-se num dos domingos de antes, num dos domingos de quando ainda não havia tiros. O cheiro do arroz a cozer, a persiana da cozinha entreaberta, as bolinhas de sol nos azulejos verdes, o zunido das moscas contra a rede fina da janela, a Pirata a abanar a cauda à espera de lamber a tampas das panelas, tudo tal e qual como numa das manhãs de domingo (CARDOSO, 2013, p. 12).

A dura realidade contrapõe-se, todavia, ao idealismo do menino, precisam-se preparar para deixar Angola. A mãe de Rui, D. Glória, encontrava-se acometida pela doença que lhe “provocava os esquecimentos” (CARDOSO, 2013, p. 10) fato que, aliás, a mãe atribuíra, por vezes, à terra africana “A mãe sempre disse que a culpa dos ataques era daquela terra, que os demónios não entravam no corpo dela antes de ter ido para lá, que na metrópole tinha o corpo fechado como as outras pessoas” (CARDOSO, 2013, p. 156-57). Ela viera para África em 1958, e conta para os filhos de quando viu seus “pais pela última vez no dia 30 de novembro” (CARDOSO, 2013, p. 23), igualmente lembra que foram “nove dias da viagem de barco” (CARDOSO, 2013, p. 23).

A metrópole, para ela, sempre fora uma terra abençoada, aquela onde presume que não precisaria “de comprimidos” (CARDOSO, 2013, p. 95), o saudosismo da Metrópole manifesta-se até na forma como a mãe deliciava-se com as cerejas que vinham de lá, levando Rui e sua irmã a convencerem-se de que “as cerejas eram as frutas mais deliciosas do mundo [...]” (CARDOSO, 2013, p. 39).

Ao vir para Angola, assumiria sua condição de fronteira entre dois espaços tão diversos, conforme relata Rui: “A mãe continua a ter duas terras, a metrópole onde nasceu e onde está protegida de tudo, até das crises, e a terra abençoada à qual o corpo nunca se habituou, um clima muito forte para os corpos que não se criaram lá” (CARDOSO, 2013, p. 95).

Há na obra, mormente nos primeiros capítulos, uma projeção, envolvendo D. Glória, acerca de uma metrópole moderna e desenvolvida, onde ela efetivamente seria outra pessoa, tão diversa dessa de África. Comparação inusitada, por exemplo, foi feita pelo Tio Zé (irmão de D. Glória) que, ao vê-la vestida com vestes novas, menciona que “ela estava fina como as mulheres de Lisboa” (CARDOSO, 2013, p. 39), pensamento, aliás, que deixa confuso o menino Rui que começa a indagar-se como a mãe poderia parecer uma mulher de Lisboa “se até as vizinhas gozavam como a mãe se arranjava” (CARDOSO, 2013, p. 39).

É perceptível, dessa forma, o pensamento de superioridade atribuído a Lisboa em relação ao lugar onde viviam. Por outro lado, é importante mencionar que Rui relata que o pai sempre evitava falar da metrópole “a mãe tem duas terras, mas o pai não” (CARDOSO, 2013, p. 11).

O primeiro capítulo do romance é o mais extenso e, nele, temos os últimos momentos da família em Angola. Com o desenrolar do processo de independência e a família hesitando em partir, são “visitados” por soldados pró-independência que ameaçam Mário. O pai de Rui conhece os soldados, já realizaram trabalhos juntos e apela para a sensibilidade: “sempre vos paguei a tempo e horas, bebi cachaça e comi funge convosco, nunca abusei das vossas mulheres nem das vossas filhas, dei-vos dinheiro para os medicamentos dos vossos filhos [...]”

(CARDOSO, 2013, p. 57). Como a estratégia não parece surtir efeito, Mário ainda menciona sua indignação sobre a terra que, cada vez mais, percebe que está perdendo:

[...] estão a ver um homem que se matou a trabalhar nesta terra, descarreguei sacas de café contigo, aponta para cada um dos soldados, com o teu pai, com o teu tio, com o teu irmão, com o teu filho, não há homem que tenha descarregado mais sacas de café nesta terra do que eu, trabalhei dia e noite e agora [...] tudo o que tenho vai ficar aqui, olhem para as minhas mãos, não cabem mais calos nas minhas mãos e mesmo assim a pele ainda sangra contra a juta das sacas [...] tanto trabalho para ficar tudo aqui (CARDOSO, 2013, p. 56).

Entendemos que aqui seja importante fazer uma leitura contrapontística. Ao refletir sobre essa suposta perda de uma “terra exótica”, que Mário teria ajudado a construir, é preciso também mencionarmos o quanto essa terra foi objeto de violência social e política pelo projeto imperialista português. De acordo com Said (2020, p. 11), a principal disputa no imperialismo, era pela terra. Ademais, importa lembrar ainda dos inúmeros privilégios que os portugueses tinham e que seriam deixados para trás.

Talvez, com essa contraposição, consigamos trazer luz à percepção de que se teve pelo narrador quando, efetivamente, concretizou-se a independência do país africano: “Hoje é o dia da independência de Angola. Angola acabou, a nossa Angola acabou” (CARDOSO, 2013, p. 153). Mais adiante, afirma ainda o que seria o fim da terra para ele:

hoje tornei-me um desterrado, vivemos na certeza de que a terra onde enterramos os nossos mortos será nossa para sempre e que também nunca faltará aos nossos filhos a terra onde os fizemos nascer, vivemos nessa certeza porque nunca pensamos que a terra pode morrer-nos, mas hoje morreu a minha terra (CARDOSO, 2013, p. 153).

Nos relatos, percebemos, há uma convocação para questionar as fronteiras entre os discursos e a vida real (PRATA, 2014, p. 71). Para além dessas questões conjunturais, é fundamental que não se rasure a violência que foi o colonialismo. Segundo Tania Macêdo,

[...] o regresso é um choque, e, por isso, enseja uma memória do território que fora deixado como o do Éden. Se por um lado realmente o era, quando pensamos nos privilégios deixados para trás, por outro a violência do colonialismo é rasurada e, em seu lugar, desenha-se nas mentes dos retornados um paraíso terrestre de harmonia em que a guerra pela libertação sobretudo em Angola e Moçambique confunde-se deliberadamente com as lutas intestinas africanas e constrói-se uma vitimização do retornado, que falseia a história (MACÊDO, 2020, p. 118).

Retomando ao âmbito da teia ficcional, temos o momento fulcral em que o pai é feito prisioneiro pelos soldados. Há, desse modo, uma quebra da unidade familiar. D. Glória, Rui e sua irmã, ajudados pelo tio, precisam embarcar para a metrópole. Com a ruptura, observa-se também uma quebra nas ilusões que até então reinavam e na crença de um espaço que poderia ser instância de paz e harmonia entre os colonizadores e os angolanos.

O menino Rui relata os minutos finais em terra africana: “A tropa manda-nos avançar para a pista, o avião está à nossa frente, enorme e brilhante, gente e mais gente até ao avião que

vai leva-nos, as escadas do avião estão descidas. A mãe a correr por dentro da poeira que não se assenta” (CARDOSO, 2013, p. 63).

Dessa maneira, forçados a voltar a Portugal por ocasião do conflito que se iniciara em Angola, a família vai ter de se reencontrar na metrópole, agora como “retornados” com todas as problemáticas que envolvem essa condição. Quanto a Rui, o conceito de que “a metrópole tem tudo melhor do que aqui” (CARDOSO, 2013, p. 21), em breve será retomado e, claro, com suas devidas aporias. É o que veremos na seção seguinte.

Diálogos sobre as imagens da Metrópole

“Então a metrópole afinal é isto”
(O retorno, Dulce Maria Cardoso).

A epígrafe acima não é uma pergunta. Parece-nos que Rui, D. Glória e Maria de Lurdes em pouco tempo já perceberam a realidade que enfrentariam nessa nova etapa de suas vidas, em uma nova terra. Mesmo com o pai tendo ficado em Angola e eles sem terem a menor ideia de como fariam para reencontrá-lo, seguiriam com a vida.

A primeira realidade que enfrentaram foi a rejeição por parte dos portugueses. De acordo com Elsa Peralta:

A chegada repentina dos retornados foi recebida com hostilidade e ressentimento, Num país imerso num profundo e conturbado processo de mudança social e política nestes anos pós-Revolução e massacrado por 13 anos de guerras nas colónias, os retornados eram considerados aqueles por cujos privilégios tantos jovens metropolitanos tinham perdido a vida no conflito em África, tornando-se no bode-expiatório do colonialismo português. Além disso, num país pobre com um Estado Social praticamente inexistente, os retornados eram frequentemente vistos pelos portugueses metropolitanos como concorrentes num mercado de habitação e de trabalho já muito escasso. E os portugueses metropolitanos também se sentiam ultrajados com o facto de os retornados terem acesso a apoios especiais por parte do Estado, terem alojamento gratuito, por vezes em hotéis de cinco estrelas, ou terem acessos preferenciais ao mercado de trabalho (PERALTA, 2019, p. 320).

Para explicar esse fato, temos que entender, primeiramente que, em 1975, Portugal passava por uma crise, era pouco desenvolvido e recuperava-se de um longo período de regime ditatorial. Peralta (2019, p. 320) alude ao fato de que “de uma forma geral, os ‘retornados’ eram malvistas pela população metropolitana. Eram acusados, por vezes de forma explícita e de outras de forma velada, de colonialistas e de exploradores de negros”.

Quando a família chega à metrópole, ficam hospedados em um hotel disponibilizado pelo IARN, para quem nada tinha em seu regresso “O IARN parecia mais importante e mais generoso que Deus” (CARDOSO, 2013, p. 77). No hotel, nas pequenas atitudes, já começam a perceber que não são bem-vindos: “os empregados não nos querem cá, não gostam de nos servir. Acreditam que os pretos nos puseram de lá para fora porque os explorávamos [...]” (CARDOSO, 2013, p. 91). Percebem, por conseguinte, a rejeição: “os de cá não gostam de nós” (CARDOSO, 2013, p. 102).

Como já mencionado, a família, e de forma especial a mãe, tinha uma concepção idealizada da metrópole, remetia-se a ela constantemente, principalmente “nas histórias que a

mãe estava sempre a contar” (CARDOSO, 2013, p. 76). Esse fato não passa despercebido por Rui que começa também, como afirma Prata (2014, p. 71), a argumentar “em favor da metrópole, cuja imagem idílica é transmitida pelos discursos oficiais, pelas fotografias e pelas memórias longínquas da terra de origem dos seus pais”.

Os laços consanguíneos com os familiares que moravam em Portugal eram tratados com muita seriedade, e eram “ensinados pela mãe como uma matéria da escola ou da catequese, o lado materno, os tios e primos em primeiro grau e os de segundo grau, os de sangue e os de afinidade, os mortos e os vivos” (CARDOSO, 2013, p. 35).

A expectativa acerca da nova terra era grande: “estamos na metrópole. Não sabíamos o que havíamos de fazer. Foi esquisito entrar na metrópole, era como se estivéssemos a entrar no mapa que estava pendurado na sala de aula” (CARDOSO, 2013, p. 76). A primeira impressão do hotel e do escritório da diretora “grande e bonito como deve ser tudo na metrópole” (CARDOSO, 2013, p. 78), foi muito positiva a ponto de Rui permitir-se pensar em uma analogia: “A metrópole tem de ser como este hotel que até no elevador tem uma banquetta forrada a veludo. Portugal não é um país pequeno, era o que estava escrito no mapa da escola. Portugal não é um país pequeno, é um império do Minho a Timor” (CARDOSO, 2013, p. 83). Agora, porém, enfrentam a realidade dessa metrópole em uma nova condição: “Agora somos retornados. Não sabemos bem o que é ser retornado, mas nós somos isso” (CARDOSO, 2013, p. 77).

A decepção não demora muito a chegar, tanto na parte estrutural da nova terra com estradas que “tinham tantos buracos e tão grandes que as malas abanavam nas barras do carro [...]” (CARDOSO, 2013, p. 83) como com as questões de clima que são notadamente diferentes de África: “A água da metrópole é tão fria que nem consigo mergulhar, parece que ossos estalam” (CARDOSO, 2013, p. 107). A família, dessa forma, enfrenta problemas com a adaptação, a ponto de Rui ter a percepção de que os dias em Portugal “são mais compridos. [...] o sol fica tempos e tempos a ameaçar que se vai embora e não vai” (CARDOSO, 2013, p. 105).

Na figura da irmã, Maria de Lurdes, que por “vezes olha-se no espelho e fica com lágrimas nos olhos” (CARDOSO, 2013, p. 143), o narrador identifica muito bem o processo de exclusão e preconceito a que são submetidos os que regressaram de África: “os rapazes de cá não querem namorar com as retornadas. Se for para gozar está bem, mas para namorar não, os rapazes de cá dizem que as retornadas lá andavam com os pretos. E as raparigas de cá não querem ser amigas das retornadas para não serem faladas, as retornadas têm má fama, usam saias curtas e fumam nos cafés” (CARDOSO, 2013, p. 143).

A metrópole assume, enfim, novas acepções principalmente para a mãe que começa a “piorar de dia para dia” (CARDOSO, 2013, p. 133). O menino Rui que era um entusiasta da nova terra, agora tem medo: “Aqui na metrópole não tenho só medo dos demónios que rondam a mãe, tenho medo de tudo. O dinheiro que trouxemos vai acabar em breve, por muito que poupemos. Não sei até quando nos deixam ficar no hotel e se nos puserem na rua não sei para onde levar a mãe[...]” (CARDOSO, 2013, p. 133).

Uma constatação paira subitamente em Rui ao referir-se a Angola: “Talvez a mãe já fosse como é, talvez não tenha sido culpa desta terra, deste calor, desta humidade” (CARDOSO, 2013, p. 24). Evidenciamos, portanto, que a imagem de uma terra que seria a cura para seus esquecimentos, era apenas uma ilusão.

Nesse horizonte, percebemos que um novo discurso descortina-se: nas narrativas seguintes, começa-se a se projetar todo um saudosismo de África. Com o regresso do pai, que se junta à família tempos depois, isso fica ainda mais evidente: “esta terra não é generosa como a de

lá” (CARDOSO, 2013, p. 257). Até mesmo Rui já apresenta um outro discurso: “o pai tinha razão, aquilo era a nossa terra, devíamos ter ficado lá” (CARDOSO, 2013, p. 125-26).

A mãe, que dantes era todo elogio a Portugal agora fala com saudosismo da terra abençoada que deixara: “deixava-se cair um caroço de manga na terra e no dia seguinte crescia uma mangueira” (CARDOSO, 2013, p. 96) e faz questão de reforçar sempre com as amigas que é “uma terra rica, café, algodão, diamantes, petróleo” (CARDOSO, 2013, p. 96).

Com todas as adversidades apresentadas na metrópole e despojado de ilusões o pai convoca a família para a realidade, afirmando que a nova terra “pede-nos suor, lágrimas e sangue e em troca dá-nos um pedaço de pão duro” (CARDOSO, 2013, p. 257). Numa luta intestina, entende que é preciso reconstruir não tão somente o futuro da família, mas dessa metrópole que, visivelmente, agoniza. “Se conseguirmos construir terras como as que fomos obrigados a deixar também conseguimos mudar o atraso de vida que a metrópole é” (CARDOSO, 2013, p. 188).

O pai, assim, monta uma fábrica de cimento: “o futuro da metrópole passa pelo cimento e quem quiser fazer parte do futuro tem de se juntar a mim à minha fábrica de blocos de cimento” (CARDOSO, p. 250). Promete, por sua vez, que nunca mais será expulso “de lado nenhum, esta vai ter de ser a minha terra” (CARDOSO, 2013, p. 243).

Isto posto, resta dizer que em nossa percepção, as experiências coletivas daqueles que regressaram a Portugal tornaram-se matéria ficcional e foram, *mutatis mutandis*, (re)vivenciadas pela memória individual das personagens do romance.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por intermédio de toda a produção bibliográfica que tivemos acesso e lançamos mão em nossa pesquisa, fizemos uma aproximação entre história e literatura, que é uma relação que está presente nas análises humanísticas desde os seus primórdios e sempre convocam categorias teóricas complexas que configuram a reflexão crítica no seio das humanidades e apontam, deveras, para uma articulação entre debate historiográfico, discursos históricos, representações e narrativas (BRUGIONI, 2020, p. 19).

Ao investigarmos a representação da metrópole, considerando para esse efeito, a família de “retornados” de Rui, analisamos, inevitavelmente, conteúdos de matriz histórico e literária que interrogam o presente e o passado, e apresentam, como afirma Brugioni (2020, p. 68), “rastos interditos de colonizações que se pretendem terminadas e que inevitável e recursivamente persistem”.

Com uma descrição assente na memória de personagens que retratam uma realidade vivida por muitos que tiveram de regressar à Metrópole, *O Retorno* traz à luz uma revisitação ao império, porém, numa perspectiva nostálgica, em que não se percebe um aprofundamento crítico do que foi o colonialismo em África, por outro lado, a obra permite-nos ter um olhar, consoante a percepção das personagens, dos espaços que ocupam e das sensações que vivenciam, sobre a representação do país europeu.

REFERÊNCIAS

BRUGIONI, Elena. **Literaturas africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto**. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: Identidade, Colonialismo e Libertação**. São Paulo: Unesp, 2009.

CARDOSO, Dulce Maria. **O retorno**. Rio de Janeiro: Tinta-da-China, 2013.

CASTELO, Cláudia. Migração colonial para Angola e Moçambique (séculos XIX-XX). *In*: PERALTA, Elsa; GÓIS, Bruno; OLIVEIRA, Joana. **Retornar**: Traços de memória do fim do império. Lisboa: Edições 70, 2017.

CIECOSKI, Altair Sofientini. Cantos, tambores e cadernos: narrativas míticas, moçambicanidades e construção identitária em Terra Sonâmbula, de Mia Couto. 2020. Dissertação. (Mestrado em Letras), Unemat, 2020

FIROTI, Silas André. “Conhecer para converter” ou algo mais? leitura crítica das etnografias missionárias de Henri-Alexandre Junod e Carlos Estermann. Dissertação. (Mestrado em ciências da religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo. São Paulo, 2012.

GOULD, Isabel Ferreira. Mulheres coloniais no novo romance português. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 65-74, junho, 2007.

KALTER, Christoph. Gente pós-colonial: quem eram os retornados? *In*: PERALTA, Elsa; GÓIS, Bruno; OLIVEIRA, Joana. **Retornar**: Traços de memória do fim do império. Lisboa: Edições 70, 2017.

KHAN, Sheila. Os retornados estão a abrir o baú. *In*: RIBEIRO, Raquel. **Ípsilon online**. 2010. Disponível em: <https://www.publico.pt/2010/08/12/culturaipsilon/noticia/os-retornados-estao-a-abrir-o-bau-263209>. Acesso em: 23 mai. 2022.

MACÊDO, Tania. “O Romance português dos retornados”: A viagem de retorno ao império colonial português. **Revista Mulemba**, Rio de Janeiro, n° 22, p. 115-126, jan./jun. 2020.

MENESES, Maria Paula; MARTINS, Bruno Sena. **As guerras de libertação e os sonhos coloniais**: Alianças secretas, mapas imaginados. Coimbra: Almedina, 2013.

NOA, Francisco. **Império, Mito e miopia**. São Paulo: Kapulana Editora, 2015.

PERALTA, Elsa; GÓIS, Bruno; OLIVEIRA, Joana. **Retornar**: Traços de memória do fim do império. Lisboa: Edições 70, 2017.

PERALTA, Elsa; GÓIS, Bruno; OLIVEIRA, Joana. A integração dos “retornados” na sociedade portuguesa: identidade, desidentificação e ocultação. **Análise Social**. Lisboa, n° 231, p. 310-337, 2019.

PRATA, Ana Filipa. O cronótopo do hotel e a formação da memória em O retorno, de Dulce Maria Cardoso. **Navegações**. Lisboa, v.7, n. 1, p. 69-76, jan-jun. 2014.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Submetido em: setembro de 2022

Aprovado em: dezembro de 2022